



**Rede de troca de sementes: o *tekoha guasu* e a reciprocidade entre os Kaiowá na região da Serra de Maracaju**  
*Seed exchange network: Tekoha guasu and reciprocity among the Kaiowá in the Serra de Maracaju area, Mato Grosso do Sul, Brazil*

MORÍNIGO, Arnulfo Caballero<sup>1</sup>; DO CARMO, Gustavo Costa<sup>2</sup>;  
COLMAN, Rosa Sebastiana<sup>3</sup>; PEREIRA, Levi Marques<sup>4</sup>

<sup>1</sup> PPGAnt Univ. Federal da Grande Dourados, arnulfomorinigo@gmail.com; <sup>2</sup> PPGAnt Univ. Federal da Grande Dourados, gustavoagrom@gmail.com; <sup>3</sup> Univ. Federal da Grande Dourados, rosacolman@ufgd.edu.br; <sup>4</sup> Univ. Federal da Grande Dourados, levimarquespereira2@gmail.com

**RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

**Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais**

**Resumo:** A pesquisa discute a reciprocidade na circulação de sementes nativas entre os Kaiowá da Serra de Maracaju (Mato Grosso do Sul), agricultores de floresta subtropical. O objetivo é descrever as relações entre sementes, território e pessoas a partir do trabalho de campo e da bibliografia, analisando as ferramentas de manejo das roças como ligadas à experiência histórica com a biodiversidade da região e com os pressupostos cosmológicos que orientam as práticas agrícolas nativas. Detectam-se sérias dificuldades territoriais/espaciais na para fazer roças, desafiando a elaborar estratégias agroecológicas de curto e médio prazo. Entretanto, verificam-se também métodos de manejo que tentam superar problemas agrícolas atuais, baseados em experiências próprias de transformação do ecossistema.

**Palavras-chave:** sementes nativas; biodiversidade; roça; agricultura tradicional; povos indígenas.

**Introdução**

Os Kaiowá são uma parte do povo Guarani, chamados de Paĩ Tavyterã, que vive no atual Mato Grosso do Sul (MS) e no Paraguai. Com o intuito de fazer conhecer esta região, apresentamos aqui resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo objetivo é entender e compreender como os Kaiowá da região da Serra de Maracaju reconhecem enquanto seu *tekoha guasu* (território tradicional) um amplo espaço onde se encontravam várias comunidades. Atualmente, o território está ocupado por propriedades rurais, mas algumas comunidades se mantêm no território e insistem em praticar seu modo de ser kaiowá nas diferentes formas de organização social e espiritual com os diferentes modos de trocas.

As sociedades indígenas, como a dos Kaiowá, foram expulsas de suas próprias terras, que foram então entregues para projetos de exploração econômica promovidos pelas frentes de expansão extrativistas e agropecuárias. No caso de MS, isso aconteceu desde a colonização europeia. Com o recolhimento para as Reservas criadas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), alteraram-se os seus modos de ser, além das ligações que tinham com várias das comunidades, e as



redes de relações que isso implicava, por exemplo, com as famílias extensas. Ademais, a paisagem deste *tekoha guasu* também mudou completamente.

A despeito desse longo genocídio e etnocídio, vários povos que chegaram ao século XXI lutaram por garantir seus direitos, inclusive territoriais. Para pensar a organização social e econômica da reciprocidade dos Kaiowá, utilizamos duas palavras na língua guarani: *tekoha guasu* é o amplo território ocupado por um conjunto de comunidades relacionadas entre si; e *jopói* significa troca, reciprocidade, presente, ou dar bebida tradicional aos convidados da festa.

O objetivo da pesquisa é mostrar em que medida a memória da ocupação do *tekoha guasu* da região da Serra de Maracaju se padroniza pelo modo de ser próprio dos Kaiowá, além de dimensionar os impactos da perda da biodiversidade e consequentemente da prática do *jopói* (reciprocidade) nas pequenas áreas em que hoje eles vivem, impactando em sua relação com a Serra de Maracaju.

## Metodologia

Fizemos levantamento da bibliografia sobre os povos de língua e cultura guarani, bem como de textos de graduação ou de pós-graduação dos próprios Kaiowá, comparando os dados com a situação atual do amplo território. Realizou-se pesquisa de campo, mantendo-se conversas com pessoas mais velhas que viveram em espaços que eram comunidades até algumas décadas atrás, *tekoha ymaguare* (comunidades antigas); e conversas com lideranças jovens. Há expressiva produção bibliográfica kaiowá sobre o *tekoha guasu*, como por exemplo Izaque João (2011), Gileandro Barbosa Pedro (2020) e Inaye Lopes (2022). Também utilizamos o importante suporte de autores não indígenas sobre a região.

## Resultados e Discussão

Em termos de organização política e territorial, uma aldeia kaiowá (*tekoha*) é constituída de várias parentelas (*te'ýi*) cujos centralizadores são os *tekoharuvicha* (xamã) e *mburuvicha* (liderança política). O *tekoha guasu* ou *te'ýi jusu*, o “conjunto de parentelas ampliadas”, como propõe Vietta (2007, p. 25), se insere em uma área territorial específica dentro da totalidade da região habitada tradicionalmente, onde alguns *tekoha* (isto é, vários *te'ýi*) mantêm relações entre si, como ciclos rituais, festivos e matrimoniais, tornando-se o que Pereira (2016, p. 49) denomina de “redes comunitárias supralocais” – *tekoha guasu* ou *tekoha pavê*. Um *tekoha guasu* é delimitado, ainda, por bacias ou sub-bacias hidrográficas, serras, formações campestres, savânicas e florestais, condições de solo favoráveis para as roças e de fartura de caça e pesca. *Tekoha guasu* é talvez uma das expressões máximas da estrutura social kaiowá, sobretudo, em um primeiro momento, no que diz respeito à distribuição territorial do grupo, ao parentesco e à morfologia social; e, a partir disso, à paisagem sociocosmológica da vida paĩ/kaiowá: organização política, economia, cosmologia, conhecimento dos ecossistemas, entre outros aspectos.



A fitofisionomia da região etnográfica da Serra do Maracaju classifica-a como Cerrado Sentido Amplo (Csa), apresentando: formações florestais, com mata ciliar, mata de galeria, mata seca e cerradão; formações savânicas, com cerrado denso, cerrado típico, cerrado ralo e cerrado rupestre (um Cerrado Sentido Restrito, Csr); formações campestres, com campos sujos, campos limpos e campos rupestres; e, em menor proporção, campo alagado e área pantanosa com alagamentos sazonais ou sob influência fluvial constante, como campos úmidos, brejos, veredas e palmeirais (Ribeiro; Walter, 2008). Em geral, a área sofre influência da Mata Atlântica e está posicionada na faixa de transição para o Pantanal (o Chaco Boreal).

Talvez este seja um dos ecossistemas mais complexos e frágeis de MS, sobretudo pela incidência da Serra de Maracaju, um relevo cuestasiforme no sentido norte-sul que atravessa o território, com uma diversidade biológica enorme em termos de plantas, animais, solos e microrganismos (Pacheco; Martins, 2009). Do lado brasileiro, os Kaiowá dessa região são conhecidos como “os Kaiowá da Serra de Maracaju” (Pereira, 2016). Do lado paraguaio são conhecidos como “*los Pañ de Cerro Marangatu*” (Lehner, 2002), em alusão ao nome que dão ao *tekoha guasu*.

O desmatamento intenso e rápido, especialmente na segunda metade do século XX, mudou a paisagem dos antigos *tekoha*. A paisagem de antes é lembrada por alguns moradores atuais. Seu Conceição, da comunidade de Pirakua, afirmou que antes, na região, “era tudo mato”. Lembrou que, quando havia festa tradicional, *chicha guasu*, em outra comunidade, ia com sua família nos trilheiros dentro do mato e caminhavam por horas até chegar à aldeia de destino. Ele não ia sozinho. Iam sempre acompanhados pelos pais, quando eram crianças e jovens; e, quando adultos, sempre com outras pessoas, porque, segundo ele, “nunca se sabe o que tem no mato”. Tem que ir com cuidado, prestar muita atenção ao redor. Ao perguntarmos o que aconteceu, comentou que “vieram os brancos e queriam nos expulsar, e nos expulsou mesmo, com prepotência, com arma de fogo”. Foi assim que os não indígenas foram se apropriando de seus territórios, *tekoha guasu*.

Ao ser alterada a paisagem dentro do *tekoha guasu* de ocupação tradicional dos Kaiowá, foi-se perdendo grande parte de sua biodiversidade. Toda a prática que desta dependia teve de se adequar às novas formas de ocupação, com as derrubadas do mato e as pastagens, que posteriormente adentraram as áreas onde os Kaiowá resistiram e permaneceram. Assim, as transformações impostas aos Kaiowá também diminuíram as práticas de cultivo tradicional. Muitos, deslocados forçadamente, não conseguiram levar sementes, nem puderam voltar para colher o que restava da produção. Foram-se perdendo cultivos. Segundo seu Conceição, alguns conseguiram levar uma ou outra variedade de seus produtos.

Mas os moradores expulsos de cada *tekoha*, cada lugar, guardam profunda relação com o *tekoha guasu*. Um desses lugares é hoje chamado Damakue; outro é Água Amarela, ou Yju ou Y Sa'yju.



Numa viagem nossa à comunidade de Laranjal, a 12 km da cidade de Jardim, a liderança Francisco comentou que trabalhava na fazenda Água Amarela. Disse que esse lugar tinha sido um *tekoha*, onde morava muita gente e havia um rezador importante. “Ali tem um cemitério com muitas pessoas enterradas.” A uns 2 km desse lugar há outro cemitério, de outra larga família. Não lembra bem deles, mas soube que foram mortos por uma doença desconhecida. Os que ficaram foram expulsos com a chegada dos não indígenas dizendo que a terra hoje tinha dono: que não era eles, mas sim de uns brancos.

Esse processo de remoção forçada, *sarambi*, ou esparramo (Brand, 1993), se intensificou a partir de meados do século passado, e impôs também o confinamento (Brand, 1993) de inúmeras comunidades nas oito reservas criadas pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio). Os Kaiowá passaram a conviver com sérias limitações ambientais, territoriais e demográficas; mas, com sua resistência e luta, seguem praticando suas formas de *jopói* (reciprocidade / troca) e morando perto dos pequenos bolsões de mato remanescentes. É assim na comunidade de Cerro'i, do município de Maracaju. Também na de Tamanduary, cujos habitantes moram numa área de reserva protegida. A área de 4 ha foi doada pelo patrão para esta família, no fundo de uma fazenda, como forma de pagamento pelo trabalho que realizaram.

Este *tekoha* está na região de Guia Lopes da Laguna, a 12 km desta cidade, na direção de Cabeceira do Apa. Cotidianamente seus moradores relembram da antiga paisagem do *tekoha guasu*, de onde as suas famílias são originárias; e sabem perfeitamente o lugar onde era caçado tal ou qual animal do mato ou em qual ponto se podia ir pescar, porque conhecem até hoje os lugares. Não só os conhecem, como mantêm uma relação com aquele lugar: elas falam: “Esse ou aquele lugar é meu; hoje tem uma pessoa que não quer que pesque lá, mas um dia ele vai morrer, e vai ficar para mim ou para meus parentes novamente”.

As pessoas também nutrem relação com os morros, cujos nomes conhecem e usam de referência para as *tekoha*; dizem, como seu Conceição: “Depois daquele cerro, tem um *tekoha* antigo”. Já para seu Miguel, da comunidade de Kokue'i, a 11 km do distrito de Cabeceira do Apa, a referência é o rio Apa: “O meu território vai até no pé da serra do Pirakua”, que é por onde passa o Apa e deságuam seus córregos. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa é mostrar em que medida a memória da ocupação do *tekoha guasu* da Serra de Maracaju se padroniza pelo modo de ser próprio dos Kaiowá. Também quer dimensionar os impactos da perda da biodiversidade e do *jopói* (reciprocidade) nas pequenas áreas em que hoje vivem esses grupos impactando em sua relação com a Serra de Maracaju.

A pesquisa aprofundará a descrição e compreensão das práticas do *jopói*, da reciprocidade, registradas por Melià e Temple (2004), Brand (1993) e outros, e pelos próprios Kaiowá. Em campo, produzirá novos dados para subsidiar a interpretação do território atual, comparados com os escritos dos pesquisadores já mencionados.



Os Kaiowá sabem e sabem o manejo da agrobiodiversidade, e sua importância para a realização de seus cultivos, assim como do manejo de recursos de sobrevivência. Com a expansão do agronegócio, brutal para os Kaiowá, não é mais possível colocar em prática esses conhecimentos em sua integralidade, do modo como acontecia no espaço territorial tradicionalmente: caminhando pelos trilheiros, *tape po'i*, que conectavam famílias e parentelas. Era por esses *tape po'i* que se cruzavam os conhecimentos, os cuidados com o ambiente, o respeito pela natureza e pelos *jára*, guardiões. E hoje, sem poderem passar pelas fazendas, proibindo-se a pesca e caça para sua sobrevivência, os Kaiowá continuam resistindo e lutando pelos seus direitos de estarem nos seus territórios tradicionais. Mesmo com a situação adversa que coloca em perigo as atividades tradicionais da reciprocidade, do *jopói*, ainda nesse espaço restrito, mesmo que seja pequeno, as pessoas as colocam em prática, e vivem com seu modo de ser guarani.

Isto acontece repassando conhecimentos dos seus territórios tradicionais para os mais jovens, seja na forma de plantio das mais diversas produções na agricultura, seja nas brincadeiras com os filhos, filhas, netos e amigos, seja no momentos de compartilhar experiências, nas rodas do *terere* (bebida tradicional de água fria com erva-mate) e nas festas tradicionais como *Jersoy Puku* (batismo do milho) e outras festividades tradicionais que acontecem nas diferentes áreas.

## Conclusões

Pelos dados preliminares, afirma-se que os Guarani e Kaiowá são profundos conhecedores do seu amplo território e, mesmo com limitações, conseguem seguir praticando seu modo de ser próprio. O domínio de um complexo conhecimento permite que sigam encontrando seu caminho nas enormes adversidades. A memória dos antigos *tekoha*, com as ricas paisagens e as formas de sociabilidade que aí praticavam, permitem manter os vínculos com o seu *tekoha guasu*. Assim, seguem exercendo seu modo de ser Guarani e Kaiowá, mantendo as relações não só com o *tekoha guasu*, mas também com os antepassados que nestes moraram e estão enterrados, e com as pessoas que moram em outros *tekoha*. Nessas redes de relações sempre praticam o *jopói*. De grande importância é estar perto da mata e não se distanciando da Serra de Maracaju, considerada de suma importância na vida de suas famílias, de acordo com o modo de vida praticado pelos antepassados.

## Referências bibliográficas

BRAND, Antonio J. **O confinamento e seu impacto sobre os Paì-Kaiowá**. 1993. 158 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre, 1993.

JOÃO, Izaque. **Jakaira reko nheypyrũ marangatu mborahéi**: origem e fundamentos do canto ritual jersoy puku entre os kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuri'y, Mato Grosso do Sul. 2011. 119 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.



LEHNER, Beate. **Territorialidad guaraní**: ensayo sobre la relación territorio – organización socio-política de los Ava-Guarani y Paĩ-Tavyterã. Paraguay: Servicios Profesionales Socio-Antropológicos y Jurídicos, 2002.

LOPES, Inaye G. **A histórica presença indígena na região dos rios Apa e Estrelão (nhanderu marangatu)**: kaiowa rekohague e a luta pelos tekohakue. 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

MELIÀ, Bartomeu; TEMPLE, Dominique. **El don, la venganza e otras formas de economia guaraní**. Asunción: CEPAG, 2004.

PACHECO, Miriam L.A.F.; MARTINS, Gilson R. Arqueofauna resgatada no Sítio Arqueológico Maracaju 1, MS: dados preliminares sobre zooarqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Campo Grande, Supl. 8, p. 167-175, 2009.

PEDRO, Gileandro B. **Ore Rekohaty (Espaço de pertencimento, lugar que não se perde)**: do esbulho das terras à resistência do modo de ser dos Kaiowá da Terra Indígena Panambi – Lagoa Rica em Douradina, MS (1943-2019). 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

PEREIRA, Levi M. **Os Kaiowá em Mato Grosso do Sul**: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado. Dourados: Editora UFGD, 2016.

RIBEIRO, José F.; WALTER, Bruno M.T. As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado. In: SANO, S.M. et al. (eds.). **Cerrado Ecologia e Flora**, Planaltina, 2008.

VIETTA, Katya. **Histórias sobre terras e xamãs Kaiowá**: territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowá de Panambzinho (Dourados, MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. 2007. 512 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.